



## APOLOGIA À COMUNICAÇÃO SOCIAL COMO OBJETO DE ESTUDO<sup>1</sup>

Tiago ROSÁRIO<sup>2</sup>

Geder Luis PARZIANELLO<sup>3</sup>

Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), São Borja-RS

### RESUMO

Este texto tem a função de desenvolver uma discussão sobre a atual conjuntura em que se encontram as conceituações sobre o objeto de estudo da Comunicação Social. Para isso utilizaremos autores nacionais que se debruçaram sobre o tema e que podem nos orientar nesta reflexão. Todos eles contrapostos para tentarmos chegar a um acordo e um consenso sobre algo que parece tanto não ser consensual. Na nossa conclusão, propomos que a comunicação social seja tomada como objeto de estudo. Não só isso, como também constituir o objeto e a base da episteme de uma ciência cunhada de Comunicologia. Diferente daquela já nomeada pelo filósofo Vilém Flusser, que é menos abrangente e se centra nos meios de comunicação, deixando uma grande lacuna no que entendemos por estudos em comunicação social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação Social; objeto de estudo; episteme.

### INTRODUÇÃO

Falar de objeto de estudo é na verdade falar de um saber teórico que fornece uma representação do mundo, ou de um mundo que aparece por meio desse saber. [...] não se trata de coisas, de objetos naturais, mas de *objetos de estudo*, que só aparecem por meio de uma teoria, de uma apreensão não naturalizada, mas produzida por um modelo teórico. O objeto de estudo é, portanto, uma construção teórica ou o objeto de uma teoria. Ele não é o fenômeno que se dá na percepção ordinária, mas justamente aquilo que no fenômeno é recortado por uma teoria (MARTINO apud SILVA, 2009, p. 8).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UNIPAMPA, email: [tiagorosariodesantana@gmail.com](mailto:tiagorosariodesantana@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do Trabalho, Pós-doutor em Ciência Midiática pela Universität Paderborn, Alemanha, e professor da Universidade Federal do Pampa.

Desconsiderada por muitos anos, a importância da concepção sobre o objeto de estudo da Comunicação<sup>4</sup> tem rendido nas últimas duas décadas debates produtivos para a reflexão sobre a episteme desta área. Como nota a professora Vera França (p. 2, 2001), “é curioso que, passado um século dos primeiros estudos, esta questão ainda se coloque – e cause polêmica”. Depois de mais de cem anos estudando a Comunicação, como é possível uma disciplina que almeja o status de ciência não ter uma definição comum à maioria dos pesquisadores sobre o seu objeto de estudo? O problema talvez se explique porque o campo de conhecimento da Comunicação, apesar de se abocar às Ciências Sociais, não surgiu inicialmente como uma disciplina acadêmica, quicá autônoma. Ela sim emergiu num âmbito mercadológico desenvolvido e propiciado, no séc. XIX, pela emergência dos meios tecnológicos de informação e suas consequências para a sociedade. Antes disso, estudos que se realizaram desde a Retórica sofística do séc. V a.c. não foram incisivos em teorizá-la; apenas a partir do encetar de uma sociedade urbana e industrial, onde surge “noções fundadoras de uma visão da comunicação como fator de integração das sociedades humanas” Marttelart (2000, p. 13), se tornou possível o surgimento dos meios de comunicação, atendendo a uma demanda social pela informação. Esta mesma demanda informativa sendo explorada para o atendimento de interesses políticos, econômicos, culturais etc. mediada por meios como jornais, rádios, cartazes, tv, web. Por todas essas implicações a comunicação se tornou objeto de estudo para aqueles pesquisadores que cobiçavam entender a realidade transformada por este estranho elemento social. A comunicação passou a ser apropriada, para estudos, por grandes áreas do conhecimento como a filosofia, sociologia, psicologia etc. e, sendo assim, empregada por estas disciplinas como objeto de suas pesquisas. A realidade social em princípio seria o objeto de estudo de todas as ciências sociais e humanas, mesmo que para dizer que esta realidade não existe; mas com o esforço teórico, as ciências sociais foram se ramificando e criando seus próprios objetos. Mesmo assim, nesta perspectiva, não existiria objeto de estudo da comunicação, mas sim a comunicação seria o objeto de estudo, configurando assim a sua transdisciplinaridade.

---

<sup>4</sup> usaremos Comunicação para designar a área e comunicação para designar o objeto de estudo proposto por nós.

Alguns autores têm buscado distinguir esta **transdisciplinaridade** da **interdisciplinaridade**. Segundo Vera França (2001) esta última refere-se a determinados temas ou objetos da realidade que são apreendidos e tratados por diferentes ciências. Não acontece aí um deslocamento ou uma alteração no referencial teórico das disciplinas (eles não são afetados pelo objeto); é o objeto que sofre diferentes olhares. A transdisciplinaridade, por sua vez, compreenderia um movimento diferente: uma determinada questão ou problema que suscita a contribuição de diferentes disciplinas, mas essas contribuições são deslocadas de seu campo de origem e se entrecruzam num outro lugar – em um novo lugar. São esses deslocamentos e entrecruzamentos e é esse transporte teórico que provoca uma iluminação e uma outra configuração da questão tratada no objeto comunicação. É esse tratamento híbrido que constitui o nosso objeto.

Existe aí algo de curioso que podemos extrair desta reflexão: este objeto de que falamos em tom de conclusão neste momento sempre estará em processo de comunicação. Isso, pois a comunicação pode ser entendida como um processo, assim como também pode ser cometida como sistema, ou fluxo. Tudo isso por que a comunicação social é, antes de qualquer definição, um movimento. Algo que só está em movimento, e que no contrário disso seria implicada no não-estar, ou não existir. Ou seja, sem este movimento não existe comunicação. O objeto precisa, necessariamente, ser ou estar em processo de comunicação, mesmo em pesquisas que estudem as relações sociais dentro de uma redação de jornal, ou que analisem o contexto social, cultural, político da recepção de uma comunicação, tudo isso estará em processo de comunicação. Talvez por isso a convicção de autores como Vera França (2001) de apontar os processos de comunicação como objeto de estudo. Mas não esta conclusão seria precipitada, pois o processo de comunicação, deste modo, seria o estado em que se encontra nosso objeto e não ele em si?

Marttelart (2000, p. 9) diz que o campo da Comunicação, ao longo de sua construção, "esteve continuamente às voltas com a questão de sua legitimidade científica" e até hoje se esforça neste sentido. Quando nos referimos a este campo, vemos que uma série de tentares foram e são realizados no intuito de definir seu objeto de estudo. Contudo, desde seus primórdios, essas pesquisas - principalmente se tratando de jornalismo - se confortaram em suas condições midiáticas, e, a partir disso, "não se

discute se pensar a imprensa como mídia seria fechar-se em um 'midiacentrismo'. O ponto de partida já é a mídia noticiosa, compreendida dentro dos marcos do jornalismo moderno, constituído no século XIX e assim configurado até os dias atuais” (SILVA, 2009, p.1).

Quando olhamos para as outras ciências - tanto sociais quanto humanas - notamos que os pesquisadores tomam a Comunicação como um lugar interdisciplinar para onde as várias ciências desembocam, mas todas com seus métodos de pesquisa, teorias e paradigmas próprios, com autonomia para estudar a comunicação em suas perspectivas, sem propósitos de lhe oferecer autonomia. Contudo, vemos também uma necessidade de evoluirmos nessa discussão, visto que, quanto a este tema, não encontramos um consenso (o que revela um certo medo ou até mesmo covardia) entre os pesquisadores e autores desta área na delimitação do tema.

Sodré (2007, p. 20) tenta explicar que "a atração empírica dos fenômenos comunicativos sob a égide da tecnologia avançada dá margem à suspeita de que uma 'ciência' da comunicação se faz impossível pelo estado disperso e caótico do provável objeto", e que por isso tem-se preferido falar atualmente em 'campo' comunicacional, sem maior unidade epistemológica. Isso nos instiga a fazer esta reflexão, numa tentativa de racionalizar a delimitação e a demarcação deste campo. Tentativa esta que, paradoxalmente, ao mesmo tempo em que proporciona, pode acabar com o encanto de toda a investigação, pois, como nota a professora Lúcia Santaella (2005, p. 2), “toda definição acabada é uma espécie de morte, porque, sendo fechada, mata justo a inquietação e curiosidade que nos impulsionam para as coisas que, vivas, palpitam e pulsam”.

### **Do conceito ao objeto**

[...] uma teoria somente pode ser considerada teoria da comunicação se respeitar o preceito da *centralidade do fenômeno comunicacional*. Isto significa dizer que a realidade humana deve ser explicada (entendida, descrita) tomando-se a comunicação como fator privilegiado. Assim, se o economista explica através da centralidade dos fenômenos econômicos (mercado); e o sociólogo o faz através dos fenômenos sociais (evolução, estrutura, organização social) [...] o comunicólogo deve explicar a realidade a partir dos fenômenos comunicacionais. [...] Daí seu nome *comunicacional*, pois toma a

comunicação não necessariamente como causa, mas como fator central para a compreensão desses fenômenos. É este engajamento – hipotético, perspectivado – que caracteriza uma teoria como pertinente a uma disciplina (MARTINO apud SILVA, 2009, p. 7-8).

Esta é a autonomia buscada pelas teorias da Comunicação, que, como bem observa Martino, só podem se conceber como teorias a partir do momento em que tiver a autonomia para explicar a sociedade e todas as suas complexidades com um objeto que se faça presente por meio dos fenômenos comunicacionais. E é exatamente esta a tentativa do professor Muniz Sodré em sua obra *Antropológica do Espelho* quando concebe a proposta de um olhar mais humanista sobre o objeto de estudo da Comunicação. O autor articula que a Comunicação não tem apenas “um” objeto claramente definido, mas que, no entanto, existe um *fio condutor de sentido* que permeia esta questão e se apresenta como um nó ou um núcleo objetivável para a pesquisa em Comunicação; este nó seria a *vinculação social*; a vinculação entre o eu e o outro, uma apreensão do ser-em-comum, individual ou coletivo (SODRÉ, 2002). Para o autor esta vinculação social deveria ser tomada como o objeto de estudo em Comunicação.

Esta concepção de Sodré traz à tona vários conceitos sobre a comunicação. Conceitos que derramam sobre esta um olhar mais humano e menos tecnicista como os baseados na Teoria Matemática da Comunicação de Shannon e Weaver. Conceitos de alguns autores que encontramos em Serra (2007, p.28) como, por exemplo, 1- Jürgen Habermas e Niklas Luhmann que defendem que a sociedade é, basicamente, comunicação, pois “a sociedade é unicamente composta de comunicações (e não de homens, por exemplo) e [que] tudo o que não é comunicação pertence ao ambiente desse sistema”; 2- Daniel Bounoux que fala sobre a ação do homem sobre o homem “por via dos signos”. 3- Roman Jakobson, “todo o sistema cultural e cada ato isolado de comportamento social implica a comunicação quer num sentido explícito quer num sentido implícito”.

Pegando Francisco Rudiger (1998) como referência, vemos que comunicação é interação humana, troca de mensagens entre pessoas, sejam quais forem os meios usados; enquanto os meios de comunicação de massa são apenas a mediação tecnológica. Esta última definição claramente rejeitando a detenção dos meios sobre o conceito de comunicação, e, por consequência de nossa análise, também o de objeto de

estudo da Comunicação, pois se estes meios são apenas a mediação tecnológica de um fenômeno que merece ser estudado isto implica que estes meios devem ser tomados como parte do objeto a ser estudado, mas não como o próprio objeto. São inúmeras definições e conceitos que tentam de alguma forma tomar conta de um lugar ainda em disputa pela ontologia da área. O Dicionário Priberam *online*, por exemplo, registra a palavra comunicação como 1. informação; participação; aviso; 2. transmissão; 3. notícia; 4. passagem; 5. ligação; 6. convivência; 7. relações; 8. comunhão. Entre tantas definições é de se notar que todas elas remetem ao vínculo social de Sodré (2002). Todas tomando como semântica as palavras de integração, relação, contato; remetendo claramente ao vínculo. Sodré explica que este vínculo social é a forma pela qual as pessoas se mantêm atreladas. Para o autor, ele é tanto consciente quanto inconsciente. O fato é que todas essas concepções sobre a comunicação revelam algumas características dele como, por exemplo, a **união** ou a **integração** social, visto que o ato comunicacional é algo que não se faz isoladamente.

Todavia, a título de ressalva, é bom notar que a comunicação também convém para a desunião. Um ato de xingamento ou agressão verbal pode ser produzido no intuito de se fazer distanciar do outro, "é um procedimento retórico que tem por função assinalar ao outro que o fosso que o separa do locutor é, dali em diante, não-negociável" (MEYER, 2007. p. 26), ou seja, esta vinculação também pode ser quebrada pela própria comunicação. É bem verdade que, mesmo com este intuito, para ser realizado o ato de insulto a vinculação teria que ocorrer e mesmo que ela fosse quebrada a partir deste ato, posteriormente a isto a comunicação já não existiria mais.

Ora, nesta perspectiva, podemos nós afirmar que a vinculação social sodreriana não diria respeito à comunicação como um todo, visto que o vínculo é algo essencialmente agregador e que se produz na direção da atração (ou união, integração)? Como podemos perceber, o ato comunicativo com o intento de vincular os seres sociais parece não comportar toda a concepção de comunicação. Ele seria apenas uma das incontáveis manifestações empíricas do objetivo comunicacional? É bem verdade que a vinculação social faz sim parte de uma gama de várias manifestações produzidas pelo objeto comunicação; a própria etimologia da palavra remete a três raízes de origem no latim que ressaltam isso:

(...) uma raiz *munis*, que significa “estar encarregado de”, que acrescido do prefixo *co*, o qual expressa simultaneidade, reunião, temos a ideia de uma atividade realizada conjuntamente, completada pela terminação *tio*, que por sua vez reforça a ideia de atividade. E, efetivamente, foi este o seu primeiro significativo no vocabulário religioso aonde o termo aparece pela primeira vez (MARTINO, 2001, p. 12-13).

Mas a comunicação já não se restringe a essas conceituações, que com as quais dificilmente chegaremos a um consenso. Vemos claramente uma afinidade do termo vínculo social com a definição de comunicação neste caso, mas ainda resta a dúvida se ela pode abarcar toda uma complexidade empírica e teórica. A manifestação da vinculação social, hoje, divide o ambiente de conceituação da palavra comunicação com outras manifestações como, por exemplo, a rebeldia social, influencia midiática, persuasão, assim como o seu antônimo, o *repelimento* social; todas passíveis de análise.

Para o nosso entendimento, uma descrição mais coerente e generalista sobre o que é comunicação seria a de Francisco Rüdiger que diz que ela seria a interação humana, através de mensagens pertencentes a qualquer linguagem - textual, corporal, visual etc. - mediada por qualquer meio. Além disso, o autor rejeita a tese de que os meios de comunicação consistiriam o objeto da Comunicação, pois, para ele, os meios não passam da mediação tecnológica, não compreendendo todos os níveis em que a comunicação se realiza. Entretanto, este autor defende que “a comunicação não é uma ciência, mas sim um campo de estudo multidisciplinar, cujos métodos de análise não têm qualquer especificidade, foram desenvolvidos pelos diversos ramos do conhecimento filosófico, histórico e sociológico” (1998, p. 31). Ora, se a Comunicação não se constitui como ciência, como é possível a consumação da teorização sobre este saber? Como é possível o empenho de tantos estudiosos por torná-la uma ciência? Se assim, como Rüdiger propõe, fosse, quer dizer que a comunicação não se constitui em um problema por ela mesma, mas apenas pelo viés sociológico, filosófico, psicológico entre outros?

O grande problema está nas conceituações sobre este campo do conhecimento. Se a comunicação surge no mercado, na sociedade e na prática, se constituindo como algo problemático para a sociedade, isso significa que ela está fundada socialmente na natureza humana e deve ser apreendida pelas ciências sociais e humanas - assim como a matéria é apreendida pela química, o cálculo pela matemática, os fatos sociais pela sociologia -, como objeto de estudo. A comunicação deve ser - assim como foi -

apreendida pela sociologia, pela filosofia e psicologia como objeto de pesquisa, trazendo para a luz da academia novas ciências constituídas num movimento transdisciplinar, sem que seja desnecessária a edificação de uma ciência que tenha a comunicação como objeto e se utilize de seus próprios métodos e técnicas de pesquisa que se façam necessários apenas pela problemática da comunicação como campo do próprio saber. Dessa forma, o campo do saber que estuda a comunicação por ela mesmo se complica e esbarra na produção dos conceitos de uma ciência que até o momento insiste em ser nomeada com o nome de seu próprio objeto. Para esta problemática, podemos oferecer algumas propostas de conceituação.

Na nossa concepção, da mesma forma que o estudo da sociedade e dos fatos sociais recebeu o sufixo grego *logia* - que designa um campo de estudo ou estudo de um assunto em particular, para designar aquilo que seria o estudo dela - para construir a nomeação de sua disciplina como, por exemplo, a Sociologia, deveria a Comunicação também receber este sufixo para diferenciá-la de seu objeto, constituindo assim o nome dessa disciplina *Comunicologia*, com o objeto de estudo sendo a **comunicação social**. Tal termo já foi cunhado na década de 1990 pelo filósofo tcheco-brasileiro, fundador do primeiro curso de Comunicação Social do Brasil, Vilém Flusser. A Comunicologia de Flusser trata das formas e códigos dessa comunicação humana, que é definida como processamento, armazenagem e divulgação de informação já existente, assim como a criação de nova informação. A semiótica seria um fator determinante na constituição desta ciência, visto que, por excelência, ela trata justamente de toda e qualquer linguagem, fundamental para a compreensão da comunicação social. Mas esta Comunicologia, criada nos anos 70, para "contrasensuar" conosco, analisava os meios de comunicação orientados pelas modificações históricas, culturais e técnicas. Ou seja, teria como objeto de estudo os media. O que gostaríamos de propor neste ensaio é diferente disto. Seria propor que a própria comunicação social seja tomada como objeto de estudo da Comunicologia. Esta comunicação social como objeto de estudo já se conceberia longe daquelas discussões sobre as ambiguidades que se poderiam causar na questão sobre "qual comunicação estaríamos a falar", livres de indagações sobre a comunicação entre os animais, entre as máquinas e humanos; o objeto comunicação social se constituiria de uma só forma como a comunicação essencialmente humana, a comunicação dos indivíduos sociais.



## REFERÊNCIAS

BARROS, Laan Mendes de. **Os meios ou as mediações? Um exercício dialético na delimitação do objeto de estudo da comunicação.** Líbero – São Paulo – v. 12, n. 23, p. 85-94, jun. de 2009.

FRANÇA, Vera. **Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?** Ciberlegenda nº5, 2001. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/vera1.htm>

FRANÇA, V. V. **O objeto da comunicação/a comunicação como objeto.** In: HOHLFELT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (org.). Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001. 39-60.

MARTINO, Luiz Claudio. **As epistemologias contemporâneas e o lugar da Comunicação.** In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (org). Epistemologia da comunicação. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. **Os cursos de teoria da comunicação à luz do jornalismo: obstáculos e impropriedades das posições tecnicista e intelectualista.** In: FERREIRA, Giovandro M; Martino, Luís Carlos (orgs). Teorias da Comunicação: epistemologia, ensino, discurso e recepção. Salvador: EDUFBA, 2007a.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Teorias da comunicação: muitas ou poucas?** Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. **De qual comunicação estamos falando?** In: HOHLFELT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (org.). Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001. 11-25.

MARTTELART, Armand e Michele. **História das teorias da comunicação.** São Paulo: Loyola, 2000.

MEYER, Michel. **A Retórica.** São Paulo: Ática, 2007.

RÜDIGER, Francisco. **Introdução à teoria da comunicação.** São Paulo: Edicon, 1998.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica?** São Paulo: Brasiliense, 2005.



SERRA, J. Paulo. **Manual de Teoria da Comunicação**. Livros Labcom, Covilhã, 2007. Disponível em: <http://www.labcom.ubi.pt/livroslabcom/>

SILVA, Gislene. **Sobre a imaterialidade do objeto de estudo do Jornalismo**. Lisboa-PT: Compós, 2009. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/372/357>

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Sobre a episteme comunicacional**. Matrizes, São Paulo: USP, ano. 1, n. 1, p. 15-26, 2007. Disponível em: [matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/38/61](http://matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/38/61)

## SITES

**Priberam**: [www.priberam.pt/dlpo/](http://www.priberam.pt/dlpo/)